

Para Munhoz, moratória é imposta por credores

O país que tenta honrar os compromissos da dívida externa dentro do estreito espaço concedido pela política econômica dos países industrializados assemelha-se ao cavalo faminto atraído por uma cenoura inatingível. A partir dessa imagem, o economista Décio Munhoz, da Universidade de Brasília, insistiu ontem que o Brasil não deve falar em moratória porque essa é uma situação imposta pelos credores. A economia mundial continuará desequilibrada, segundo Munhoz, enquanto os países ricos não compreenderem que as nações periféricas são diferentes.

"Só há três maneiras de um país pagar o serviço da dívida: ou usa a Casa da Moeda para emitir dólar, ou encontra mercados abertos para exportar ou recebe novos empréstimos. Como as três alternativas permanecem bloqueadas, os devedores estão sendo agredidos e pressionados a fazer concessões que nada têm a ver com a dívida, como a abertura do setor de informática ou do mercado financeiro doméstico", disse Munhoz.

Ao participar de um dos painéis da "Conferência Internacional sobre a dívida externa dos países em desenvolvimento", que termina hoje no Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo, Munhoz afirmou que não há necessidade de se declarar moratória. "Se tivermos saldos nas contas externas devemos pagar. Se não te-

mos saldos não precisamos declarar formalmente moratória".

FINANCIAMENTO

Ao analisar as atuais condições de financiamento para os países em desenvolvimento, em um dos painéis da conferência, o economista norte-americano William Cline afirmou que as nações endividadas deveriam reduzir o pagamento dos juros a um nível máximo de 25% de suas exportações. Com isso, os bancos credores se mostrariam dispostos a oferecer novos recursos e os devedores conseguiram retornar ao mercado de crédito voluntário. Numa primeira etapa, ganharia ênfase o crédito comercial, na medida em que ele é mais atrativo para os pequenos e médios bancos do que os financiamentos de longo prazo não necessariamente ligados a transações com produtos. Assim, os devedores poderiam também retomar seu crescimento, pois hoje não devem esperar muito dos mecanismos tradicionais de financiamento.

No caso do Brasil, Cline disse que o Plano Cruzado trouxe muita incerteza aos investidores estrangeiros por causa do congelamento de preços, embora acredite que seja temporário. Quanto à fórmula de conversão da dívida em investimento, o economista considerou tratar-se de uma solução de pouca abrangência e de difícil generalização para o problema global do endividamento.